

O herói sem nenhum caráter

Foi, portanto, na obra do etnólogo alemão que Mário de Andrade, paradoxal e muito antropofagicamente, encontrou a essência do brasileiro. O próprio autor de **Macunaíma**, em prefácio que nunca chegou a publicar com o livro, nos conta como ocorreu a descoberta:

“O que me interessou por Macunaíma foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional dos brasileiros. Ora depois de pelear muito verifiquei uma coisa que me parece certa: o brasileiro não tem caráter. Pode ser que alguém já tenha falado isso antes de mim porém a minha conclusão é uma novidade para mim porque tirada da minha experiência pessoal. E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não, em vez entendendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes na ação exterior no sentimento na língua na História na andadura, tanto no bem como no mal. O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional.

Os franceses têm caráter e assim os iorubás e os mexicanos. Seja porque civilização própria, perigo iminente, ou consciência de séculos tenham auxiliado, o certo é que esses uns têm caráter. Brasileiro não. Está que nem o rapaz de vinte anos: a gente mais ou menos pode perceber tendências gerais, mas ainda não é tempo de afirmar coisa nenhuma. [...] Pois quando matutava nessas coisas topei com Macunaíma no alemão de Koch-Grünberg. E Macunaíma é um herói surpreendentemente sem caráter. (Gozei)”.

As metamorfoses pelas quais passa a personagem, de sabor surrealista, podem muito bem ser associadas à sua “falta de caráter”, assim como o fascínio que revela pela “língua de Camões”, na Carta pras Icamiabas.

Fonte:

<http://www.angelfire.com/mn/macunaima/>

Conhecer para respeitar*

Taís dos Santos Abel

Coordenadora da Equipe de Redação do Sistema de

Ensino Futuro

Professora substituta do IFRJ

Mestranda em Literaturas Africanas – UFRJ

É sabido que a lei 10.639/03 valida o ensino da história, cultura e literaturas africanas e afro-brasileiras. Essa validação torna-se necessária por conta do silenciamento cultural que impera na realidade brasileira no que tange a sua origem.

A proposta é excelente. Porém, a mesma somente foi lançada ao corpo docente que ficou atônito sem saber como agir, como ensinar esses novos conteúdos. Para que o propósito da lei seja colocado em prática, torna-se imprescindível não só o estudo de cultura, história e literaturas de África, como também o estudo de afrobrasilidades nos cursos de licenciatura.

Percebe-se, portanto, que alguns professores têm a vontade de trabalhar nos moldes da lei 10.639, mas não possuem embasamento teórico para o desenvolvimento de suas aulas. Muitos se apegam ao “não – saber” para manter o seu silêncio diante das questões étnico-raciais. Ainda há aqueles que acreditam que a discussão desses conteúdos compete somente ao professor de Língua Portuguesa, Sociologia, História e Filosofia.

No entanto, ao estudar mitologias africanas, constata-se forte ligação com elementos, os quais podem enriquecer uma aula de Ciências, Geografia e até Física e Matemática. Como por exemplo, no Oráculo de Ifá, pode-se estudar análise combinatória.

Só que, para ensinar cultura negra, implica em violar o pré-conceito. É importante abolir os vestígios da cultura – imposta pelo colonialismo - de assimilação e rejeição, pois são eles os

TEXTO 02

“Muitas são as confusões e equívocos relacionados com Exu, o pior deles associa-o à figura do diabo cristão; pintam-no como um deus voltado para a maldade, para a perversidade, que se ocuparia em semear a discórdia entre os seres humanos. Na realidade, Exu contém em si todas as contradições e conflitos inerentes ao ser humano. Exu não é totalmente bom nem totalmente mau, assim como o homem: um ser capaz de amar e odiar, unir e separar, promover a paz e a guerra.”

Fonte: <http://ocandomble.wordpress.com>.
Acessado em 03 de abril de 2011

TEXTO 03

(...) Tal como um Hermes, é símbolo da inteligência industriosa e realizadora. Possui força de elevação e aptidão para deslocamentos rápidos. Serve de mediador entre a divindade e os homens, de mensageiro entre os deuses/orixás, honrando as encruzilhadas dos caminhos. A patronagem de Exu, no Queto é a potência sexual e a comunicação.

Nesse sentido, Exu, metáfora da comunicação, nos remeteria a uma leitura da pós-modernidade enquanto jogo de centramento/descentramento. No cenário pós-moderno a comunicação está para além de sua função de comunicar, invocando e interconectando tentativas de preencher o universo sem referência, um universo repleto de vivências virtuais, mas de afastamento das experiências de alteridade.

NASCIMENTO, Elisabete. Exu: princípio de ancestralidade africana face à globalização. In: CONGRESSO INTERNACIONAL CULTURA, PODER E TECNOLOGIA: África e Ásia face à globalização, 10., 2000, Rio de Janeiro, RJ. **Anais**, Rio de Janeiro, RJ: Associação Latino-Americana de Estudos Africanos e Asiáticos, 2000. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/ala_daa/nasci.rtf>. Acesso em: 03 de abril de 2011.



Revista África e Africanidades - Ano IV - n. 13 – Maio. 2011
ISSN 1983-2354
Especial Mitologias Africanas e Afro-Brasileiras na Sala de Aula
www.africaeaficanidades.com

responsáveis pelos estereótipos que regem a sociedade brasileira.

Cabe ao docente, então, procurar compreender determinadas questões para abordar África e africanidades em sala de aula. A partir disso, cidadãos cientes de suas origens surgirão do ambiente escolar a fim de respeitar a diversidade cultural do nosso país.

Plano de Aula – Literatura

3º ano do Ensino Médio

CONTEÚDO:

Modernismo 1ª fase

OBJETIVO:

- Analisar a figura de Exu;
- Observar o relacionamento entre Macunaíma e Exu, conforme capítulo 7 do livro Macunaíma;
- Refletir o papel do negro em nossa sociedade;
- Discutir o processo de esteriotipação no Brasil.

RECURSOS:

- Obra Macunaíma; de Mário de Andrade (há diversas edições)
- Vídeo Lenda de Exu. Coleção Orixás da Bahia. Correio da Bahia.
- Textos complementares 01, 02, 03 e 04 (quadro lateral)

ATIVIDADES/ ESTRATÉGIAS

- Após a leitura do livro “Macunaíma” e do conto “Exu atrapalha-se com as palavras” e após assistir ao vídeo, o qual introduz a história de Exu, listar os adjetivos que interseccionam os dois protagonistas e refletir sobre essas caracterizações;

Revista África e Africanidades - Ano IV - n. 13– Maio. 2011
ISSN 1983-2354
www.africaeaficanidades.com

TEXTO 04

Exu atrapalha-se com as palavras

No começo dos tempos estava tudo em formação, lentamente os modos de vida na Terra forma sendo organizados, mas havia muito a ser feito.

Toda vez que Orunmilá vinha do Orum para ver as coisas do Aiê, era interrogado pelos orixás, humanos e animais, ainda não fora determinado qual o lugar para cada criatura e Orunmilá ocupou-se dessa tarefa. Exu propôs que todos os problemas fossem resolvidos ordenadamente, ele sugeriu a Orunmilá que a todo orixá, humano e criatura da floresta fosse apresentada uma questão simples para a qual eles deveriam dar resposta direta, a natureza da resposta individual de cada um determinaria seu destino e seu modo de viver, Orunmilá aceitou a sugestão de Exu. E assim, de acordo com as respostas que as criaturas davam, elas recebiam um modo de vida de Orunmilá, uma missão, enquanto isso acontecia, Exu, travesso que era, pensava em como poderia confundir Orunmilá.

Orunmilá perguntou a um homem: "Escolhes viver dentro ou fora?". "Dentro", o homem respondeu, e Orunmilá decretou que doravante todos os humanos viveriam em casas.

De repente, Orunmilá se dirigiu a Exu: "E tu, Exu? Dentro ou fora?". Exu levou um susto ao ser chamado repentinamente, ocupado que estava em pensar sobre como passar a perna em Orunmilá, e rápido respondeu: "Ora! Fora, é claro", mas logo se corrigiu: "Não, pelo contrário, dentro", Orunmilá entendeu que Exu estava querendo criar confusão, falou pois que agiria conforme a primeira resposta de Exu, disse: "Doravante vais viver fora e não dentro de casa".

E assim tem sido desde então, Exu vive a céu aberto, na passagem, ou na trilha, ou nos campos, diferentemente das imagens dos outros orixás, que são mantidas dentro das casas e dos templos, toda vez que os humanos fazem uma imagem de Exu ela é mantida fora.

PRANDI, Reginaldo, **Mitologia dos Orixás**.
Companhia das Letras: Rio de Janeiro. 2001

- Em seguida, lançar questionamentos em sala para dar início a um debate:

Na verdade, Exu é orixá mais humano. Logo, seu perfil se aproxima da maioria dos brasileiros: *o jeitinho brasileiro é Exu?* E o Macunaíma? Será ele o retrato do marginalizado? Do oprimido? Do brasileiro também?

- Em sequência, assistiremos trechos de Macunaíma, a fim de dar início à discussão do processo de estereotipação no país. Verificaremos como esse processo afeta o negro, o índio e o mestiço.

AVALIAÇÃO:

Faça uma dissertação argumentativa cujo tema segue: "A miscigenação faz do brasileiro um ser sem caráter?"

* Trabalho de conclusão do **I Curso Mitologias Africanas e Afro-Brasileiras na Sala de Aula**, realizado nos dias 16 e 26 de março de 2011, no RJ, - organizado pela Revista África e Africanidades, ministrado pela prof^a Especialista Nágila Oliveira dos Santos.